

3

Análise contrastiva dos sistemas pronominais no PB e no ER

Este capítulo visa a oferecer uma caracterização geral dos sistemas pronominais do espanhol (ES)⁶ –particularmente no que refere à variedade falada no Rio de la Plata– e do PB. São contrastadas as diferenças e semelhanças na realização dos respectivos sistemas pronominais levando em conta os sujeitos e objetos pronominais, com especial atenção para os objetos diretos.

A literatura descreve uma série de mudanças sintáticas pelas quais estaria atravessando o PB, dentre as quais destaca-se a reorganização do sistema pronominal. Essa mudança tem como principais conseqüências uma crescente realização fonológica do pronome sujeito assim como também um progressivo aumento dos objetos nulos pronominais. Já o ES, no que diz respeito aos sujeitos pronominais, ainda mantém as propriedades que tradicionalmente caracterizam as línguas *pro-drop* e os objetos nulos aparecem apenas em alguns dialetos específicos e, ainda nesses casos, como uma opção que se desvia da norma padrão.

Como já foi adiantado na Introdução desta dissertação, o PB e o ER diferem quanto ao tipo de complemento pronominal acusativo de terceira pessoa aceito na língua: o PB admite clíticos –embora exiba um paradigma deficitário–, objetos nulos (doravante, ON) e pronomes plenos (tônicos/fracos, na tipologia de Cardinaletti & Starke (1994)⁷, de forma morfológicamente idêntica à dos pronomes nominativos); o ER aceita apenas clíticos.

Em primeiro lugar, dedicaremos certo espaço para o tratamento de questões relativas à realização dos sujeitos pronominais nas duas línguas embora esse ponto não constitua o foco do nosso trabalho. O desenvolvimento desse tema ganha relevância, contudo, no conjunto desta dissertação já que o PB admite o uso do pronome lexical (nominativo) como complemento acusativo. Essa particularidade do PB é abordada experimentalmente no capítulo 7 e, sendo o nosso trabalho um

⁶ Quando falarmos do Espanhol “*standard*” em geral, sem fazer distinção de qualquer dialeto, utilizaremos a abreviatura ES, enquanto que nos serviremos da sigla ER para nos referirmos especificamente à variedade falada no Rio de la Plata e EE para o Espanhol peninsular.

⁷ De acordo com Cardinaletti & Starke (1994), haveria três tipos de pronomes : forte, fraco e clítico, com domínios sintáticos distintos – CP, TopP e IP. Nesta perspectiva, as formas fracas seriam semanticamente dependentes.

estudo contrastivo, esse ponto é colocado em comparação com o ER. Por esse motivo, consideramos pertinente o tratamento do sistema pronominal sujeito neste estudo. Os pontos mais relevantes para esta dissertação são destacados ao longo da seguinte seção. Em segundo lugar, nos ocupamos especificamente dos objetos pronominais no ER e no PB.

3.1

Sujeitos pronominais no ER e no PB

O Espanhol Rio-platense (ER) é uma variante do espanhol falada nos arredores do Rio de la Plata, particularmente em Buenos Aires e no Uruguai⁸, mas também nas demais cidades argentinas. Diferencia-se do espanhol da maior parte de América Latina e do Espanhol Europeu (EE) principalmente porque no lugar do pronome *tú* utiliza-se o *vos*⁹, fato que se traduz em diferenças no paradigma verbal.

(1)

a. Si tú quieres, lo puedes hacer.

Se (CONDICIONAL) tu-2ª SG querer-PTE. 2ª SG. o-ACUS. 3ª SG. poder-3ª SG. fazer-INF.

“Se tu quieres, o podes fazer”.

b. Si vos querés, lo podés hacer.

Se (CONDICIONAL) você-2ª SG querer-PTE. 2ª SG. o-ACUS. 3ª SG. poder-3ª SG. fazer-INF.

“Se você quer, o pode fazer”.

Na tabela I esquematizamos o paradigma dos pronomes pessoais tônicos do ES, estabelecendo uma comparação entre o paradigma pronominal do EE e do ER.

⁸ É importante salientar que no Uruguai existem regiões que são predominantemente tuteantes (uso do pronome *tú* como forma de segunda pessoa do singular).

⁹ Esses usos diferenciados do paradigma pronominal têm sido denominados tradicionalmente como *tuteo* (uso da forma *tú* como pronome pessoal de segunda pessoa do singular) e *voseo* (uso do pronome *vos* como segunda pessoa singular).

	Espanhol Europeu	Espanhol Rio-Platense
Pronomes Sujeito		
1ª singular	Yo como	Yo como
2ª singular	Tú comes /Usted come*	Vos comés /Usted come
3ª singular	Él/Ella come	Él/Ella come
1ª plural	Nosotros comemos	Nosotros comemos
2ª plural	Vosotros coméis /Ustedes comen*	Ustedes comen
3ª plural	Ellos/as comen	Ellos/as comen
Pronomes Objeto		
1ª singular	(Prep) mí conmigo	(Prep) mí conmigo
2ª singular	(Prep) ti contigo	(Prep) ti/vos con vos
3ª singular	Consigno	con él / con usted
* Segunda pessoa gramatical/ terceira do discurso.		

Tabela 1: Pronomes pessoais tônicos no ES e no ER.

As línguas românicas têm desenvolvido formas que expressam gramaticalmente o tratamento [+/- formal]. No caso do ES, o pronome que indica respeito e cortesia procede da evolução do sintagma *vuestra merced*, que deu origem a diversas formas sobre as quais acabou por impor-se *usted* no século XVIII. A descrição anterior somente se aplica, contudo, à variedade peninsular do espanhol. Na grande maioria dos dialetos não existe a forma *vosotros*, mas utiliza-se *ustedes* tanto no registro formal quanto no informal. Além disso, em certas regiões de América –dentre as quais se encontra a zona do Rio de la Plata– utiliza-se a forma *vos* para a segunda pessoa do singular em vez de *tú*.

Com relação aos pronomes objeto da preposição *con*, eles são um resíduo da fossilização da anástrofe latina (MECUM, TECUM, SECUM). A série tônica dos pronomes objeto no ES sempre vai precedida por preposição. Esse fato vincula-se a outra característica do ES, qual seja, a aparição da preposição a diante dos objetos de pessoa:

(2)

a. Le di un empujón (= a la mesa/ a María).

Lhe-DAT 3ª SG dar- PASS 1ª SG um empurrão.

“Eu dei um empurrão”.

b. Le di un empujón a ella (= *a la mesa/ a Maria).

Lhe-DAT 3ª SG dar- PASS 1ª SG um empurrão a-PREP ela-3ª SG FEM.

“Eu dei um empurrão nela”.

Essa particularidade do ES (a marcação especial dos objetos de pessoa ou melhor, dos objetos +animados¹⁰) é abordada com maior detalhe neste mesmo capítulo. Cumpre destacar que, *animacidae* foi um fator levado em conta nos experimentos conduzidos (relatados no capítulo 7 desta dissertação). Especificamente, buscou-se verificar se *animacidae* é uma propriedade que afeta a compreensão dos complementos pronominais acusativos de terceira pessoa no PB e no ER.

Os pronomes *él/ella*, *ellos/ellas* apresentam a particularidade de que devem referir obrigatoriamente a pessoas, para não-humanos e inanimados é preferida a não utilização de pronome explícito. Esse ponto tem uma especial relevância visto que, no segundo dos experimentos conduzidos no âmbito desta dissertação, entre os estímulos experimentais foram incluídas sentenças com pronomes pessoais desempenhando a função de complementos acusativos tanto para o PB quanto para o ER. Esse uso não canônico dos complementos sujeitos foi realizado com o intuito de contrastar a interpretação das formas pronominais acusativas nas duas línguas pesquisadas. Sendo que pronomes pessoais são interpretados preferencialmente no ES como pronomes sujeitos (ou complemento de preposição) a expectativa inicial para o experimento era que os pronomes lexicais implicassem uma leitura animada.

No que diz respeito aos pronomes complemento de preposição distinta de *a*, a sua característica mais relevante é o fato de não estar nunca em alternância com uma forma clítica, a sua aparição é sempre obrigatória. Os pronomes tônicos que aparecem num sintagma preposicional não tem uma leitura distintiva ou contrastiva. Por outro lado, esses pronomes também podem fazer referência a objetos inanimados:

(3)

a. Ana discute mucho (con él/con su padre).

¹⁰ No ES sentenças do tipo (1a), possíveis no PB, não são aceitas:

(1)

- a. *Juan pateó el perro.
- b. João chutou o cachorro.
- c. Juan pateó a la gata.

Objetos diretos +animados são marcados de forma diferencial pela preposição *a*.

“Ana discute muito (com ele/ com o seu pai)”.

b. Ana tiene auto pero no depende de él.

“Ana tem carro, mas não depende dele”.

O chamado Parâmetro do Sujeito Nulo ou Parâmetro *Pro-drop* (Perlmutter 1971, Jaeggli 1981, Chomsky 1981, entre outros), divide as línguas em dois grupos diferentes: por um lado aquelas que admitem sujeitos nulos e uma categoria vazia *pro* (como o Espanhol, o Italiano, o Turco e o Chinês); por outro, línguas como o inglês e o francês que não admitem esse tipo de sujeitos e exigem a presença de um pronome pleno. Do mesmo modo que um pronome pleno (foneticamente realizado), *pro* possui um conjunto de traços relativo a suas propriedades específicas (número, gênero, pessoa e Caso).

(4)

pro Llegan a las 7:00.

They arrive at 7:00.

“Chegam às 7:00”.

O ES é definido na literatura como uma língua tipicamente *pro-drop*. Sendo uma língua de sujeito nulo, o ES admite estruturas como em (5):

(5)

Trajo la torta para el cumpleaños.

“Trouxe o bolo para o aniversário”.

Em (5), a concordância sujeito-verbo é expressa pela própria desinência verbal. A sentença (5) é interpretada como contendo um sujeito “subentendido”, com uma interpretação equivalente ao pronome pessoal dêitico em posição de sujeito como em (6):

(6)

Él/Ella trajo la torta para el cumpleaños.

“Ele/Ela trouxe o bolo para o aniversário”.

Contudo, a possibilidade de omissão do sujeito não é a única propriedade que distingue línguas *pro-drop* como o ES de línguas não *pro-drop* (Haegeman, 1991). No ES, o sujeito pode ocupar a posição pós-verbal, opção que não está disponível no inglês:

(7)

Llamó tu esposa.

*Has telephoned your wife.

“Telefonou sua esposa”.

No ES o sujeito de uma encaixada pode ser movido à sentença principal através da conjunção *que*; no inglês isso não é possível:

(8)

a. ¿Quién pensás **que** había llamado?

b. *Who do you think **that** has telephoned?

c. Who do you think has telephoned?

Não existe no ES qualquer pronome não referencial que ocupe a posição de sujeito nas sentenças com verbos impessoais, como acontece em línguas tais como o inglês e o francês. Nesses casos é obrigatória a omissão do pronome. Enquanto no ES o sujeito de verbos como *llover* é necessariamente omitido, nas línguas não *pro-drop* esses sujeitos são realizados por um pronome expletivo pleno.

No ES o pronome é obrigatório quando o sujeito é foco da sentença e leva, portanto, o acento contrastivo e nos casos em que aparecem complementos apositivos quantitativos, adjetivais ou sentenciais:

(9)

a. - ¿Quién fue?

“Quem foi?”

b. - * *pro* fui.

“fui.”

c. * *pro* solo lo hiciste.

pro sozinho o-ACUS 3ª SG fazer- PASS 3ª SG.

“O fez sozinho” (Você/ele o fez sozinho).

d. **pro* mesmo lo resolviste.

pro mesmo o-ACUS 3ª SG resolver- PASS 3ª SG.

“mesmo o resolveu” (Você/ele mesmo o resolveu).

São vários os autores que têm estudado o comportamento do PB com relação ao preenchimento do sujeito. Duarte (1996) delimita o novo paradigma dos pronomes nominativos do PB da seguinte forma:

1ª singular	Eu danço
2ª singular	Você dança
3ª singular	Ele / Ela dança
1ª plural	Nós dançamos
	A gente dança
2ª plural	Vocês dançam
3ª plural	Ele / Ela dançam

Tabela 2: Paradigma dos pronomes nominativos no PB.

A partir de uma análise variacionista, Duarte (1996) afirma que o PB teria perdido o Princípio Evite Pronome¹¹, que leva à não representação fonológica do sujeito toda vez que sua identificação plena for possível. O PB estaria sofrendo um processo de mudança na representação do sujeito pronominal referencial, separando-se assim do PE e das línguas românicas *pro-drop* em geral. Pode-se relacionar essa mudança à redução do paradigma pronominal o qual evoluiu de seis formas distintas (acrescidas de duas formas extras de tratamento) para um paradigma que exhibe só três formas, como resultado da substituição de **tu** por **você**, **nós** por **a gente** e **vós** por **vocês**. Essa redução teve como consequência a simplificação do paradigma flexional. Assim, o sujeito nulo deixa de ser obrigatório e se torna uma opção cada vez menos utilizada.

¹¹ O chamado “*Avoid pronoun principle*” (Chomsky, 1981) expressa que há complementaridade entre sujeitos nulos e plenos, isto é, o sujeito pronominal só precisa ser foneticamente realizado quando focalizado ou contrastivo. O princípio estabelece que sempre que a alternância pronome nulo/pronome lexical for possível, deve-se utilizar o pronome nulo. Em línguas como o ES ou o italiano e ainda no PB até os anos 30, o pronome lexical só indica ênfase ou contraste.

Duarte (1996) afirma que atualmente a complementariedade entre pronome nulo/pronome lexical se perdeu no PB e assim sujeitos nulos e plenos são intercambiáveis, sendo a primeira a opção menos realizada pelos falantes.

Além das considerações anteriores, é salientado um outro fenômeno decorrente da perda da propriedade *pro-drop* pelo PB: o surgimento de construções com o sujeito em deslocamento à esquerda retomado pelo pronome pessoal. Em (10) são apresentados exemplos clássicos dessa construção:

(10)

a. **A Clarinha**_i, **ela**_i cozinha que é uma maravilha.

b. **Um homem comum**_i, **ele**_i tem um conforto compatível com [...]

De acordo com os dados analisados, Duarte (1996) conclui que o PB atual convive com um sistema “agonizante” que ainda reflete as características *pro-drop* e um sistema em desenvolvimento em que a *riqueza funcional* perdida não permite a identificação de *pro*. Estaríamos então na frente de um sistema *pro-drop* defectivo, no qual *Agr* ainda licencia *pro*, mas a sua identificação se torna cada vez mais comprometida pela perda do traço de pessoa. Com base nessa observação é que a autora assume o sujeito nulo no PB como um *pro* residual¹².

A possibilidade de omitir o pronome tem sido vinculada à riqueza do paradigma flexional, isto é, o fato de que a desinência flexional do verbo permitiria, por si só, distinguir e identificar as diferentes pessoas gramaticais (Fernandez Soriano, 1999; Haegeman, 1991). Tem sido apontado que as línguas que têm morfologia flexional rica são, freqüentemente, línguas *pro-drop*. A correlação estabelecida é a seguinte: se a flexão verbal é rica então esta permite recuperar a informação sobre o sujeito; isto é, o pronome não adicionaria qualquer tipo de informação nova. Nas línguas que apresentam uma morfologia pobre, a informação contida na flexão verbal pode não ser suficiente para recuperar a informação relativa ao sujeito, sendo a forma pronominal necessária para a identificação do mesmo¹³.

¹² Esse ponto pode ser reinterpretado à luz de propostas mais recentes como a postulada por Kato (1999) desde um *framework* minimalista. A autora considera os morfemas de concordância da flexão como Ds independentes na numeração, contendo assim todos os traços que caracterizam aos D. Logo, o *pro* das línguas de sujeito nulo deixa de ser um problema teórico. Cumpre salientar que a projeção funcional *Agr* é dispensada no PM em que a concordância recebe o tratamento discutido no capítulo 2.

¹³ Compare-se o paradigma do inglês, com somente duas formas para as seis pessoas gramaticais no presente (*speak, speaks*) com o do ES que apresenta seis, além de duas formas de tratamento.

Contudo, Kato (1999) numa revisão dessa relação entre concordância morfológica rica e os valores +/- nulo do sujeito destaca que, embora haja trabalhos que afirmam que riqueza flexional seria identificadora do *pro* (Adam, 1987 para o Francês Antigo; Duarte, 1993 para o PB), a análise de Sigurosson (1994) para o Islandês Antigo mostra que essa língua tem perdido a propriedade de omitir o sujeito referencial embora a natureza flexional da sua morfologia não tenha mudado diacronicamente.

Sintetizando, a possibilidade de alternância/omissão do sujeito pronominal no ES não é livre, ou seja, existem contextos em que a sua presença é obrigatória e outros em que a forma lexical é excluída, alterando a determinação da referência e a estrutura sintática (Haegeman, 1991; Torres Morais, 2003; Fernandez Soriano, 1999). É importante salientar mais uma vez que no ES os pronomes plenos não recebem uma leitura neutra como acontece em línguas que não têm a opção de omitir o sujeito ou mesmo no PB. Não há então alternância livre nem opcionalidade na utilização dos pronomes plenos já que o seu preenchimento determina uma interpretação particular. É aceite que o pronome é preenchido nos casos em que há uma função de contraste ou individualização.

No que concerne às especificidades do PB, observa-se uma mudança que o separa progressivamente das línguas tipicamente *pro-drop* e aponta na direção de uma língua de tópico. Segundo Pontes (1987), o PB falado se apresenta como uma língua com proeminência de tópico e de sujeito, em que há duas construções diferentes, como o japonês, ou mesmo como uma língua com proeminência de tópico, em que expressões lingüísticas seriam descritas em termos de tópico e comentário, como o chinês. Essas línguas se caracterizam pela possibilidade de o sujeito da sentença não ser o argumento externo do verbo (como em *O relógio estragou os ponteiros*) (Galves, 2000). A incorporação de marcas de oralidade mesmo no discurso formal, usualmente influenciado pela escrita, pode ser um fator que contribua para as mudanças constatadas no PB.

Tais distinções entre os sistemas pronominais do PB e do ES apontam para um sistema que se apresenta bastante diferenciado para a criança, seja numa prosódia mais característica de tópico, seja na presença de pronomes tônicos em função de acusativo (pontos desenvolvidos a partir do item 3.3.).

3.2

Objetos pronominais no ES

No que concerne à realização dos objetos pronominais, o ES apresenta dois paradigmas de pronomes objeto: uma série átona ou clítica e outra tônica. Com relação à segunda, pode-se dizer que só apresenta formas diferenciadas do nominativo para o singular; já no plural a presença da preposição *a* é a única marca explícita da função gramatical (Fernández Soriano, 1999). A presença de um elemento pronominal da série tônica não é obrigatória, mas implica necessariamente a presença de um clítico:

(11)

a. No lo saludé (a él). / Me saludó (a mí).

Não o-ACUS 3ª SG cumprimentar- PASS 1ª SG a ele- o-ACUS 3ª

Me-ACUS 1ª SG cumprimentar- PASS 3ª SG a mim-ACUS 1ª SG .

Não o cumprimentei / Me cumprimentou.

b. *No saludé a él. / *Saludó a mí.

Não cumprimentar- PASS 1ª SG a ele- o-ACUS 3ª.

Cumprimentar- PASS 3ª SG a mí-ACUS 1ª SG.

“Não cumprimentei a ele” / “Cumprimentou a mim”.

Os objetos pronominais anafóricos de terceira pessoa são realizados no ER apenas por clíticos, podendo estes aparecer em configurações nas quais são duplicados por um pronome tônico precedido por preposição ou, ainda por um PP. Em seguida analisamos detalhadamente algumas das principais características dos complementos pronominais acusativos do ER.

3.2.1

Os pronomes clíticos

Como já foi mencionado anteriormente, junto à série de pronomes tônicos existe no ES uma outra chamada de série “átona” ou “clítica”, a qual esquematizamos na tabela 3 a seguir. Esses pronomes podem aparecer tanto enclíticos (*comerlo*) quanto proclíticos (*lo comí*).

Clíticos	Dativo	Acusativo
Pronominais	me (a mí)	
	te (a ti)	
	le/se (a él)	lo (a él)
	le/se (a ella)	la (a ella)
	nos (a nosotros)	
	vos (a vosotros)	
	les (a ellos)	los (a ellos)
	les (a ellas)	las (a ellas)
Anáforas¹⁴	me	
	te	
	se	
	nos	
	os	
	se	

Tabela 3: Clíticos pronominais no ES

Visto que há diferenças entre o EE e o ER no paradigma dos pronomes sujeito, também se verificam diferenças no que concerne ao paradigma dos clíticos nessas duas variantes. Na tabela a seguir oferecemos uma comparação entre ambos dialetos.

	ESPANHOL EUROPEU		ESPANHOL RIO-PLATENSE	
	Acusativo	Dativo	Acusativo	Dativo
1s.	Me	Me	Me	Me
2s.	Te	Te	Te	Te
3s.	Lo-La	Le	Lo-La	Le
1pl.	Nos	Nos	Nos	Nos
2pl.	Os	Os	Los-Las	Les
3pl.	Los-Las	Les	Los-Las	Les

Tabela 4: Pronomes pessoais átonos ou clíticos no ES e no ER.

No ES atual não existem clíticos locativos nem partitivos equivalentes aos de outras línguas românicas (italiano *ci/ne*; catalão *hi/en*):

(12)

¹⁴ Essa classificação envolve os clíticos reflexivos e os recíprocos.

- a. De Juan no quiero hablar.
“Do João não quero falar”.
- b. Di Giovanni non *ne* voglio parlare.
- c. A Roma yo no voy.
“A Roma eu não vou”.
- d. A Roma io non *ci* vado.

Enquanto os pronomes tônicos podem ter como referência unicamente pessoas, os átonos podem referir tanto a seres humanos quanto a não-humanos ou inanimados. É importante salientar que pronomes tônicos e clíticos não estão em distribuição complementar no ES, ambas as formas podem coexistir na mesma sentença. Isto é, a presença de um pronome tônico determina a obrigatoriedade de aparição de um clítico (mas não o contrário), como indicado nos exemplos abaixo:

(13)

- a. *(Lo) vio a él.
Ver-3ª SG a ele- PASS ACUS 3ª SG.
“Viu ele”.
- b. *(Me) encontró a mí.
Encontrar-3ª SG a mim- PASS ACUS 3ª SG.
“Encontrou-me”.

Os clíticos, diferentemente dos pronomes tônicos, podem aparecer acompanhados por PPs. No ES esse fenômeno é conhecido como “duplicação” dos clíticos e acontece fundamentalmente com objeto indiretos (OI), mas em dialetos como o ER esse tipo de estruturas estende-se também ao objeto direto (OD). Essa questão é aprofundada neste mesmo capítulo.

(14)

- a. **Le_i** di el regalo **a María_i**.
Lhe-DAT 3ª SG dar-PASS 1ª SG o presente a-PREP Maria
“Dei o presente para a Maria”
- b. **Lo_i** vi **a Juan_i**.

o-ACUS 3ª SG ver-PASS 1ª SG a-PREP João

“Vi o João”

Outra questão importante com relação aos clíticos pronominais no ES é que eles nem sempre substituem um argumento. De fato, no ES certos tipos de relações semânticas somente podem ser expressas mediante um pronome átono. Por exemplo, determinadas estruturas demandam a duplicação obrigatória com um clítico dativo, tal como acontece nas construções de posse inalienável, as construções que introduzem uma função semântica de beneficiário ou as que estão associadas a experienciadores.

(15)

a. *(Le) pica la cabeza a Juan.

Lhe-DAT 3ª SG coçar- PASS 3ª SG a cabeça a-PREP João.

“O João tem coceira na cabeça”.

b. *(Le) dibujé una flor a María.

Lhe-DAT 3ª SG desenhar-PASS 1ª SG uma flor a-PREP Maria

“Desenhei uma flor para Maria”

c. *(Le) gusta la música clásica a Pedro.

Lhe-DAT gostar-PRES 3ª SG a música clássica a-PREP Pedro

“O João gosta de música clássica”

No ES, os clíticos podem aparecer antecedendo ao verbo (próclise) ou postostas a ele (ênclise) e estabelecem uma relação de adjacência estrita: somente outro clítico pode intervir entre eles.

(16)

a. No te lo presto.

Não te-DAT 2ª SG o-ACUS 3ª SG emprestar-PRES 1ª SG.

“Não te empresto”.

b. *Te lo no presto.

Te-DAT 2ª SG o-ACUS 3ª SG não emprestar-PRES 1ª SG.

“Te não empresto”.

Visto que os clíticos são dependentes do verbo, estes não podem aparecer isoladamente, nem sequer como resposta a uma pergunta. Também não podem formar parte de uma coordenação nem serem elididos por identidade:

(17)

a. -¿Lo vio o la vio?

o-ACUS 3ª SG MASC viu ou a-ACUS 3ª SG FEM viu?

“O viu ou a viu?C

- *Lo.

o-ACUS 3ª SG MASC

“O”.

b. Juan trajo el libro y la carpeta.

João trazer- PASS 3ª SG o livro e pasta.

”João trouxe o livro e pasta”.

c. *Juan lo y la trajo.

João o-ACUS 3ª SG MASC e a-ACUS 3ª SG FEM trazer- PASS 3ª SG.

“João o e a trouxe”.

Outra característica dos clíticos é o fato de que apresentam uma tendência a constituir grupos com uma ordenação específica. Quando os clíticos aparecem numa seqüência ela não pode ser interrompida por outro elemento.

(18)

a. Me lo das. / *Lo me das.

Me-DAT 1ª SG o-ACUS 3ª SG dar-PRES 3ª SG / o-ACUS 3ª SG Me-DAT 1ª SG dar-PRES 3ª SG.

“Me o da”/ “O me da”.

A unidade das seqüências dos clíticos se registra também no caso do chamado **se** “espúrio” que, na verdade, procede de **le**. Esse clítico **se** é resultado de um processo fonológico de dissimilação que consiste na passagem de *le(s)* para *se* (com a conseguinte perda do traço de número), quando seguido por acusativo de terceira pessoa (*lo, la, los, las*):

(19)

a. **Le** doy el libro → **Se** lo doy.

Le-DAT 3ª SG dar-PRES 1ª SG o livro-ACUS

“Lhe dou o livro → Se o dou”

A colocação dos clíticos pode variar conforme as propriedades da flexão verbal ao qual se adjungem. No ES o pronome aparece proclítico com as formas finitas dos verbos, enquanto que a ênclise se registra com infinitivos, gerúndios e imperativos. Já os participios não admitem clíticos.

(20)

a. Lo admiro mucho.

o-ACUS 3ª SG admirar-PRES 1ª SG muito.

“Admiro muito ele”.

b. No es bueno admirarlo tanto.

Não é bom admirar-INF o-ACUS 3ª SG tanto.

“Não é bom admirá-lo tanto”.

c. *He admirado mucho.

Ter-PRES 1ª SG admirar-PARTICÍPIO o-ACUS 3ª SG muito.

“Tenho admirado-o muito”.

Essa distribuição, contudo, não tem sido sempre assim. No ES medieval os clíticos podiam aparecer com participios e a próclise com verbos infinitivos era normal (Fernández Soriano, 1999).

Em determinadas estruturas, quando um verbo finito aparece acompanhado por um infinitivo ou por um gerúndio, os clíticos têm a opção de se colocarem tanto

proclíticos ao primeiro dos verbos quanto enclíticos ao segundo. Isto é, podem ser atraídos pelo verbo principal da perífrase. Esse fenômeno é conhecido como *clitic climbing* e não existe no PB atual:

(21)

a. Se lo quiero comprar.

se-DAT 3ª SG o-ACUS 3ª SG querer-PRES 1ª SG comprar-INF 1ª SG.

“Quero comprá-lo para ele/ela”.

b. Quiero comprárselo.

Querer-PRES 1ª SG comprar-INF 1ª SG se-DAT 3ª SG o-ACUS 3ª SG.

“Quero comprá-lo para ele/ela”.

c. Voy a seguir explicándotelo mañana.

Vou continuar explicar-GERUNDIO te-DAT 2ª SG o-ACUS 3ª SG amanhã.

“Vou continuar te explicando amanhã”.

Com relação a esse fenômeno, Fernández Soriano (1999) estabelece algumas generalizações no que concerne aos contextos que permitem a “atração” dos clíticos:

- O clítico não pode ser movido da sua posição na sentença se ela for finita. Ex.: Quiero que lo compres frente a *Lo quiero que compres.
- O conjunto de elementos que podem intervir entre os dois verbos é muito limitado, somente certas preposições e o *que* da perífrase que expressa obrigatoriedade. Não pode aparecer uma negação, outros advérbios ou qualquer quantificador. Ex.: Lo voy a hacer/ Se lo acabo de dar/ Lo tengo que hacer/ *Lo quiere no hacer/ *Te deseo mucho ver.
- Os clíticos devem funcionar como um bloco e não é possível que somente um deles apareça junto ao verbo conjugado. Ex.: *Me quiere darlo/ *Lo quiere darme → Me lo quiere dar/ Quiere dármelo.
- Uma questão importante neste ponto é que nem todos os verbos permitem esse comportamento dos clíticos. De fato, os casos estão praticamente limitados aos auxiliares modais e aspectuais, isto é, casos que formam perífrases de infinitivo e de gerúndio, além dos causativos e aqueles que têm sujeito co-referente ao do verbo

da encaixada:

(22)

a. Te lo (puede/quiere/debe) dar.

Te-DAT 2ª SG o-ACUS 3ª SG (pode/quer/deve) dar.

“Te o (pode/quer/deve) dar”.

b. Se lo hizo comer.

Se-DAT 3ª SG o-ACUS 3ª SG fazer-PASS 3ª SG comer.

“O fez comer”

Não admitem, porém, atração verbos de opinião ou conhecimento (acreditar, afirmar, negar, etc.) e os chamados “factivos” (lamentar, sentir). Os impessoais também não atraem os clíticos:

(23)

a. Cree saberlo todo/ *Lo cree saber todo.

“Acredita saber tudo”.

b. Dijo habértelo contado todo/ *Te lo dice haber contado todo.

“Disse ter te o contado tudo”.

c. Lamento no haberte conocido antes/ *Te lamento no haber conocido antes.

“Sinto não ter te conhecido antes”.

3.2.1.1

Duplicação clítica no ES e no ER

Como já foi mencionado, os pronomes clíticos aparecem em muitos casos conjuntamente com um PP co-referente. Esse fenômeno é conhecido como “redundância pronominal” ou duplicação clítica¹⁵ e distingue o ES de outras línguas românicas que não admitem esse fenômeno.

(24)

a. A Juan lo vieron hace un rato.

¹⁵ Uriagereka (1995:86) numa nota menciona casos de re-duplicação dos próprios clíticos no Espanhol falado no Chile:

(i) Los vamos a verlos.

[ACUS – vamos a ver –ACUS]

Vamos a ver eles.

Ao João-ACUS 3ª SG o-ACUS 3ª SG ver-PASS 3ª PLUR há um momento.

“Ao João o viram há um momento”.

b. Ana no sabía cuándo la habías visto.

Ana não sabia quando a-ACUS 3ª SG tinhas visto.

“Ana não sabia quando a tinhas visto”.

c. Me lo dijeron a mí.

Me-DAT 1ª SG o-ACUS 3ª SG disser-PASS 3ª PLUR a mim-DAT 1ª SG.

“Disseram-me-o”.

d. Le dijeron a Juan que viniera.

Lhe-DAT 3ª SG disser-PASS 3ª PLUR ao João-DAT 3ª SG que viesse.

“Lhe disseram ao João que viesse”.

Embora em todas as sentenças acima haja um clítico co-referente com um PP, cada um desses casos apresenta as suas próprias particularidades. No primeiro caso (24a), a presença do clítico é obrigatória (*A Juan vieron hace un rato); essa duplicação é registrada tanto com ODs quanto com OIs no ES em geral. Nesse exemplo o clítico está retomando o tópico.

Já a segunda sentença (24b) não exemplifica um caso de duplicação propriamente dita. O clítico *la* recupera o antecedente da matriz e parece se tratar de um fenômeno mais geral de uso de um pronome resumptivo que não é exclusivo do ES, mas também aparece no italiano e no francês (Fernández Soriano, 1999).

Assim, feitas as distinções anteriores, somente as duas últimas sentenças, (24c) e (24d), podem ser considerados como casos de duplicação. Efetivamente, essas construções não são possíveis no PB. Contudo, Fernández Soriano (1999) salienta que há certas restrições bem definidas para a duplicação de clíticos no ES:

a) Quando o objeto direto ou indireto for um pronome, o clítico é obrigatório (Pinheiro Corrêa, sem referências):

(25)

c. Me vio a mí / *Vio a mí.

Me-ACUS 1ª SG ver-PASS 3ª SG a mim-ACUS 1ª SG.

“Me viu”.

d. * Dijeron a mí.

Disser-PASS 3ª PLUR a mim-DAT 1ª SG.

“Disseram a mim”.

No EE o pronome *usted* apresenta um comportamento diferente, sendo possível a sua ocorrência sem a correspondente duplicação (unicamente em contextos estritamente formais): Ex. ¿En qué puedo servir a ustedes? [Em que posso ajudar a vocês?]. Já no ER, dado que a forma plural *ustedes* é o único pronome de segunda pessoa (não havendo distinção entre registro formal e informal) esse fenômeno de não-duplicação não aparece (ou pelo menos não de modo significativo).

b) OI não pronominais são duplicados livremente em todos os dialetos do ES em geral¹⁶. Já OD co-referenciais com um clítico são freqüentes e aceitos no ER.

(26)

a. **Le_i** di el regalo **a Juan_i** → Aceita no ES

Lhe- DAT 3ª SIG dar-PASS 1ª SG o presente a João-DAT 3ª SG.

“Dei o presente para o João”

b. ??**Lo_i** vi **a Juan_i** → no ES

o- ACUS 3ª SIG ver-PASS 1ª SG a João-ACUS 3ª SG.

“Vi o João”.

c. **La_i** encontré **a Ana_i** → Normal no ER.

a- ACUS 3ª SIG encontrar-PASS 1ª SG a Ana-ACUS 3ª SG.

“Encontrei a Ana”.

c) Com relação aos OI, há alguns casos que podem ou não ser duplicados pelo menos no ES (embora a opção de duplicação é a preferida), enquanto que presença do clítico é obrigatória em certas construções.

¹⁶ Para um estudo sintático da duplicação de OI em estruturas com verbos bitransitivos remetemos à leitura de Demonte (1995).

(27)

a. ???(Le) dieron el premio al escritor. → No ER

“Deram o premio ao escritor”.

b. *(Le) gusta el cine a Juan.

“O João gosta de cinema”.

É importante salientar que existem diferenças dialetais significativas na duplicação dos clíticos. O ER, por exemplo, contrasta com o ES ao permitir livremente que OD sejam duplicados. Tem-se tentado generalizar esse fenômeno considerando que ele acontece unicamente quando o objeto está precedido pela preposição *a*. Contudo, o ER admite o uso da preposição com inanimados (fato que não é permitido no ES) na fala espontânea.

(28)

a. ¿Vos la limpiáis **a** la cocina?

Você a-ACUS 3ª SG limpar-PRES 2ª SG à cozinha-ACUS 3ª SG.

“Você limpa a cozinha?”

b. Yo no lo entiendo **a** eso.

Eu não o-ACUS 3ª SG compreender-PRES 1ª SG a isso-ACUS 3ª SG.

“Eu não compreendo isso”.

Alguns trabalhos têm demonstrado que a generalização anterior não se sustenta em todos os casos (Silva Corvalán, 1981 In: Fenández Soriano, 1999):

(29)

a. A veces hay que vivirlas las cosas para aprenderlas.

As vezes há que viver-INF as-ACUS 3ª PLUR as coisas-ACUS 3ª PLUR para aprender-INF as-ACUS 3ª PLUR

“Às vezes há que viver as coisas para apreendê-las”

Inclusive no ER, contudo, há restrições para a duplicação dos clíticos.

Construções como as seguintes não são possíveis nesse dialeto.

(30)

a. *No **lo**_i oyeron a **ningún ladrón**_i.

“Não o ouviram a nenhum ladrão”.

b. ***La**_i buscaban a **alguien**_i que los ayudara.

“A procuravam a alguém que os ajudasse”.

Sintetizando, a duplicação dos OI é um fenômeno corrente no ES. Já no caso da duplicação do OD não há uma livre ocorrência. No ER, porém, a duplicação de OD é de fato a opção preferida em sentenças do tipo (31):

(31)

a. La vi a Ana *frente a* Vi a Ana.

“A vi a Ana” / “Vi a Ana”.

b. Lo encontré a tu hermano en la fiesta *frente a* Encontré a tu hermano en la fiesta.

“O encontrei a teu irmão na festa” / “Encontrei a teu irmão na festa”.

Groppi (2004) salienta que os pronomes tônicos antecidos pela preposição *a* nessas configurações não podem aparecer sem a co-ocorrência do clítico e que esse fato demonstra que o clítico é o elemento que preenche a posição argumental do verbo; isto é, o clítico pode ocorrer sem o pronome tônico, mas o contrário não é possível. Segundo a autora, a duplicação não seria sintaticamente motivada.

Groppi analisa um corpus de dados de falantes de Alcalá de Henares (Espanha) e chega à conclusão de que também nesse dialeto é possível encontrar estruturas nas quais o OD é preenchido por um clítico que é duplicado por um sintagma co-referente localizado à direita do verbo. A partir dos dados observados a autora salienta que:

- Não se trata de um fenômeno exclusivo do ER;
- As ocorrências não se registram unicamente em situações informais, mas também formais.

- Não se trata de estruturas produzidas exclusivamente por falantes de baixa escolaridade.

3.2.2

Objetos nulos no ES

Tradicionalmente, o ES tem sido caracterizado como uma língua na qual a ocorrência de objetos diretos nulos constitui um desvio com relação à norma padrão. Apesar disso, num trabalho recente Schwenter (2005) aponta evidências que demonstram que essas “condutas anômalas” são, na verdade, bastante correntes em alguns dialetos.

Schwenter faz uma revisão da literatura sobre o assunto e observa que há consenso no fato de que no ES objetos nulos ocorrem unicamente com objetos diretos anafóricos; isto é, aqueles cujos referentes são recuperáveis no contexto discursivo sendo tão salientes que não precisam ser codificados por um pronome. Isto não significa que os OD tenham necessariamente que ter sido referidos no discurso previamente, eles podem simplesmente ter uma saliência perceptual para os interlocutores no contexto extralingüístico. Outra questão apontada pela bibliografia é que objetos nulos nunca ocorrem com OD que têm referentes humanos. Assim, uma sentença como (32) é interpretada como tendo um referente não-animado ou inanimado:

(32)

Yo vi Ø ayer (el programa)¹⁷.

“Eu Ø assisti ontem (o programa)”.

O ER não faz parte dos “dialetos nulos” estudados por Schwenter, embora algumas (pouquíssimas) ocorrências de omissão do objeto sejam apontadas pelo autor para essa variedade do espanhol. A seguir, levantamos algumas diferenças entre o PB, os dialetos nulos do ES e o ER.

A ocorrência de OD nulos no PB é um fenômeno bem conhecido. Frequentemente tem se apontado que o PB constitui uma exceção dentro das línguas românicas já que permite OD nulos anafóricos com referentes definidos/específicos. De fato, diferentemente do que acontece no ES, não parecem

¹⁷ Essa sentença não parece boa para nós. Consideramos que para ser uma sentença aceitável no ER precisa ter o objeto preenchido, já seja com o NP ou com o clítico *lo*.

existir grandes variações dialetais na frequência de uso de objetos nulos no PB. O contraste entre o ES, o PB e o PE falado é salientado nos exemplos que seguem:

(33)

- a. Juan compró un libro nuevo. Ayer lo/*Ø trajo a clase. (ES)
- b. O João comprou um livro novo. Ontem ele trouxe Ø para aula. (PB)
- c. O João comprou um livro novo. Ontem trouxe-o para aula. (PE)

O clítico *lo* é obrigatório no ES, enquanto o PB prefere o objeto nulo. Já o PE só admite o objeto nulo em algum grau, mas o uso do clítico é ainda opção *default*.

Schwenter (2005) salienta que muitos dialetos do espanhol admitem objetos nulos desde que o referente seja não-específico (mas não necessariamente indefinido):

(34)

- a. Fui a la tienda a comprar café pero no tenían Ø.
“Fui na loja para comprar café, mas não tinham”.
- b. Fui a la tienda a comprar el periódico pero no lo/*Ø tenían.
“Fui na loja para comprar o jornal, mas não o/Ø tinham”.
- c. Fui a la tienda a comprar una revista (específica) pero no la/*Ø tenían.
“Fui na loja para comprar uma revista(específica), mas não a/*Ø tinham”.
- d. Fui a la tienda a comprar una revista (cualquiera) pero no *la/Ø tenían.
“Fui na loja para comprar uma revista (qualquer uma), mas não *a/Ø tinham”.

Masullo (2003, In: Schwenter, 2005) tem apontado que OD nulos são possíveis no ER, mas unicamente em casos nos quais o referente é facilmente recuperado no contexto imediato da sentença:

(35)

- A: Queremos el postre.
“Queremos a sobremesa”.

B: Ya Ø traigo.

“Já Ø trago”.

A: Tengo un calmante para dormir.

“Tenho um calmante para dormir”.

B: No Ø tomes. Te va a hacer mal.

“Não toma. Vai te fazer mal”.

O Espanhol coloquial Quiteño (EQ) é uma variedade na qual a alternância entre pronome nulo e pleno tem sido estudada com bastante profundidade. Suñer e Yépez (1988 In: Schwenter, 2005)) afirmam que nesse dialeto o referente omitido do OD é interpretado obrigatoriamente como sendo inanimado [Vio Ø en la televisión].

Outra variedade do ES que apresenta um padrão equivalente ao do EQ é o Espanhol Paraguaio (EP), especificamente a variedade falada em Assunção. Choi (1998, 2000 In: Schwenter, 2005)) registrou que no EP a omissão do clítico de OD [-animado] prevalece na fala sem distinção de classe social e tanto entre os falantes monolíngües como nos bilíngües (ES-Guaraní). Os dados apresentados por Morgan (2004 In: Schwenter, 2005)) vêm corroborar as considerações anteriores:

(36)

A: ¿Dónde encontraste esa blusa?

“Onde encontrou essa blusa?”

B: Ø Compré en el mall.

“Comprei no shopping”.

A: ¿Viste Spiderman 2?

“Assistiu Homem Aranha 2?”

B: Sí, fui a ver Ø con Julia.

“Sim, fui assistir com Julia”.

O ER, assim como as demais variantes do ES, apresenta ainda marcação diferencial de objeto (MDO) (Schwenter, 2004; Leonetti, 2003). MDO é a etiqueta utilizada convencionalmente para denotar o caso acusativo especial marcado em certos OD em determinadas línguas. Esse fenômeno é manifestado por uma marca morfológica adicional que outros OD não-MDO não recebem (*a* no espanhol, *pe* no

romeno, -ko no hindi, etc.). A MDO é sensível aos traços de animacidade, definitude e especificidade.

(37)

a. Ayer vi **Ø/*a** tu libro. [-anim +espec]

“Ontem vi teu livro”.

b. Ayer vi ***Ø/a** tu hermana. [+anim +espec]

“Ontem vi a tua irmã”.

c. Quiero entrevistar **Ø/ ?a** una persona que sepa catalán. [+anim -espec]

“Quero entrevistar uma pessoa que saiba catalão”.

d. Quiero entrevistar ***Ø/a** una persona que sabe catalán. [+anim +espec]

“Quero entrevistar uma pessoa que sabe catalão”.

Os OD marcados com *a* acusativo no ES compartilham os mesmos traços inerentes que tendem a ser realizados por pronomes plenos no PB e nos dialetos nulos ES. Por outro lado, os OD não marcados regularmente com *a* apresentam características similares às dos OD que no PB, EQ e EP ocorrem com pronomes nulos.

Colantoni (2002, In: Schwenter, 2005) considera que objetos nulos e duplicação de objeto representam padrões opositivos. Levando em conta a posição do referente na escala de animacidade, ambos os fenômenos encontram-se numa distribuição complementar. Clíticos são duplicados com maior frequência quando referem a entidades animadas, enquanto que objetos nulos ocorrem apenas com referentes inanimados.

Estigarribia (2003, In: Schwenter, 2005) por sua vez, aponta para um paralelismo entre disponibilidade de duplicação (embora o clítico não esteja necessariamente duplicado) e MDO no espanhol de Buenos Aires. Segundo esse autor, a distribuição de ambas as estruturas parece ser determinada pelos mesmos fatores: definitude, animacidade, e, talvez, topicidade.

3.3

Objetos pronominais no PB

Várias pesquisas apontam para o fato de o PB estar sofrendo mudanças no que diz respeito ao tratamento dos objetos (Cyrino, 1993; Duarte, 1989; dentre outros). Duarte (1989) coloca que o PB apresenta uma tendência cada vez maior a substituir o clítico acusativo de 3ª pessoa, na realização do OD co-referencial com um NP mencionado no discurso, pelo pronome lexical (forma nominativa do pronome em função acusativa), por NP anafóricos (forma plena do NP co-referente com outro NP previamente mencionado) ou por uma categoria vazia (objeto nulo). Por sua vez, Cyrino (1993) vincula a progressiva aparição de objetos nulos com a mudança registrada na colocação dos clíticos no PB. A autora salienta dois aspectos principais com relação ao uso dos clíticos:

- Sua posição mudou;
- Houve uma queda na sua ocorrência.

Galves (2000) explica que a colocação dos clíticos no PB difere crucialmente de línguas como o ES e o Italiano em dois aspectos principais:

- (a) O paradigma é deficiente;
- (b) Nos tempos compostos, a primeira e segunda pessoa não se adjungem ao auxiliar, mas ao verbo principal. A estrutura Aux-Clítico-V não corresponde à mesma estrutura no PE e no PB. Advérbios podem ocorrer entre o auxiliar e o clítico no PB e entre o clítico e o verbo no PE. Além disso, no primeiro, mas não no segundo, o clítico mantém a mesma posição independentemente da presença de negação ou conjunção. Os exemplos abaixo são fornecidos por Galves:

(38)

PB

- a. Tinha **me** lembrado
- b. Agora não tinha **me** lembrado
- c. Essas industrias novas que estão **se** implantando
- d. Estava sempre **te** vendo
- e. **Me** chocou

PE

- f. Tinha- **me** lembrado
- g. Agora não **me** tinha lembrado
- h. Essas indústrias novas que **se** estão a implantar
- i. Estava-**te** sempre a ver
- j. Chocou-**me**

3.3.1

Clíticos no PB

Cyrino (1993) estuda a mudança diacrônica na colocação dos clíticos no PB com o objetivo de verificar se houve uma mudança sintática relacionada com a re-análise da categoria vazia em posição de objeto. A partir dos dados analisados pela autora é salientado que:

- a ênclise é abandonada progressivamente;
- há mudança nos padrões de ocorrência da próclise. A ocorrência de *clitic climbing* é progressivamente restringida;
- vai desaparecendo a possibilidade de o clítico subir para uma posição acima de VP.

Segundo Galves (2001), o PB apresenta um caso raro de paradigma pronominal cujos OD de primeira e de segunda pessoa são clíticos (*me* e *te*) e o de 3ª é um pronome fraco (*e/le*) na terminologia de Cardinaletti & Starke (1994).

Kato & Raposo (1999, 2000) salientam que embora na escrita ainda imperem no PB as normas lusitanas, em virtude das quais o uso dos clíticos é produtivo até mesmo em posição de ênclise, os dados da fala apontam em uma outra direção. Os autores registram que o PB faz sempre a opção de D nulo podendo ou não duplicá-lo com o pronome *ele/ela*. Numa análise de versões (no PE e no PB) do mesmo texto, Galves *et. al.* (2005) chamam a atenção para o fato de que ao clítico de 3ª pessoa utilizado no PE corresponde um argumento nulo na versão do PB (tanto para o acusativo quanto para o dativo).

Kato (1993, 1994b, In: Ramos, 1999), propõe que a erosão do sistema de clíticos é uma consequência da mudança de ênclise para próclise. Assim, com a próclise generalizada no PB, a anteposição da forma *o* ao verbo formaria um vocábulo fonético iniciado por vogal não-acentuada, fenômeno freqüente na fala infantil (Exemplos: *bacate* por *abacate*, *marelo* por *amarelo*, etc.).

O efeito da evolução sofrida sobre os clíticos seria, à luz da análise de Raposo (1998), a perda do traço intrínseco *acusativo* do pronome de 3ª pessoa, o que acarretaria a substituição dessa forma pela do pronome de 3ª pessoa. A ausência de expressão morfológica de caso no complemento pronominal acusativo no PB cria ambigüidade da referência (entre pronome livre e reflexivo), tornando sua solução dependente do contexto.

Na língua escrita, a ambigüidade da referência é evitada e os clíticos de 3ª pessoa permanecem. O PB admite ainda objeto nulo, distinguindo-se das demais línguas românicas pelo fato de apresentar a possibilidade de ter objeto pronominal nulo ao lado do pronome expresso.

3.3.1.1

Clitic Left Dislocation

Kato e Raposo (1999, 2000) comentam que o português apresenta ainda construções com o tópico da sentença sendo retomado por um objeto nulo ou por um pronome, enquanto o ES só admite a retomada pronominal. O português apresenta resumptivos nulos nas construções que Duarte (1987) chamou de “topicalização” e clíticos nas construções de deslocamento à esquerda clíticas (CLLD). As demais línguas românicas como o ES só admitem CLLD:

(39)

- a. (O último livro do Ruben Fonseca) Eu só encontrei \emptyset na Travessa.
- b. (O último livro do Ruben Fonseca) Eu só **o** encontrei na Bertrand.
- c. (El último libro de Galeano) *Sólo encontré \emptyset en Prometeo.
- d. (El último libro de Galeano) Sólo **lo** encontré en Prometeo.

O ER parece não contar com resumptivos nulos capazes de recuperar o tópico de uma sentença. Um clítico foneticamente realizado retomando o tópico está sempre presente:

(40)

- a. **A mi mamá**, yo **la** quiero mucho.
- b. ***A mi mama**, yo \emptyset quiero mucho.
- c. **El libro**, **lo** puse en el estante.

- (ii) se uma língua tem um pronome expletivo não-nulo na posição mais baixa da hierarquia, então nenhum pronome em posições mais altas poderá ser nulo.

Se o clítico e o artigo são a mesma entidade (como assumido por Raposo, 1998, 2000) não haverá línguas com artigo indefinido lexical e artigo definido nulo.

Uma característica vinculada à realização de objetos pronominais nulos que distingue o PB do PE na fala é a possibilidade no PB de nomes singulares usados como genéricos, ao contrário do PE que só aceita o nome plural, quando contável (Kato & Raposo, 1999, 2000):

(42)

Eu detesto cenoura (PB)

Em relação ao D nulo em nomes genéricos e o D nulo resumptivo, ambos têm em comum o fato de serem interpretados universalmente (envolvem uma quantificação de tipo universal). Kato & Raposo (1999, 2000) assumem que o português contém um determinante nulo definido no seu léxico (sendo a única língua romance com essa característica).

3.4

Complementos pronominais anafóricos de 3ª pessoa: diferenças entre o PB e o ER

No PB, a lei Tobler-Mussafia¹⁸ não seria operante, T não licencia mais clíticos nessa língua e estes se adjungem a V admitindo sentenças do tipo: *Me dê o livro*. Já no PE Tobler-Mussafia ainda estaria ativa e os clíticos se colocariam em T. No ES o clítico pode aparecer proclítico ao verbo em T, o que indica que, assim como no PB, Tobler-Mussafia não opera mais nessa língua.

Do sistema completo de clíticos que ainda existe no PE, somente a 1ª e 2ª pessoa do singular (*me*, *te*) conservam-se ativamente no PB. O uso das formas

¹⁸ As leis de Tobler-Mussafia e Wackernagel são leis fonéticas referidas à colocação do clítico na sentença. A primeira (Tobler-Mussafia) determina que um elemento sem acento próprio não deve ocupar a primeira posição absoluta da sentença, logo a ênclise é obrigatória. A segunda indica que o clítico deve-se colocar na segunda posição, depois do primeiro sintagma ou da primeira palavra acentuada.

restantes fica restrito a contextos formais, predominantemente na língua escrita.

(43)

- a. Eu **o/a** encontrei semana passada (formal)
- b. Os alunos querem convidá-**las** para a festa.

No PB oral o pronome lexical de 3ª pessoa é utilizado no lugar dos clíticos.

(44)

- a. Eu encontrei **ele/ela** semana passada.
- b. Os alunos querem convidar **elas** para a festa.

O português conta também com resumptivos nulos nas construções de topicalização e clíticos nas estruturas de deslocamento à esquerda clíticas (*Clitic Left Dislocation*, CLLD). As demais línguas românicas, como ER, unicamente aceitam CLLD. Como já foi observado, o ER não dispõe de resumptivos nulos capazes de recuperar o tópico de uma sentença.

O ER apresenta uma marca morfológica de caso acusativo adicional para OD com certas propriedades (+animacidade, +definitude e +especificidade). Em PB, a possibilidade de MDO se mantém apenas em algumas formas idiomatizadas (*Amar a Deus sobre as todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*). Os traços de animacidade, definitude e especificidade são apontados como relevantes também para uma outra distinção presente no PB, a possibilidade de retomada de antecedente por ON ou pronome tônico, sendo privilegiado esse último quando o antecedente é [+animado] (exemplos fornecidos por Cyrino, 1993; Lopes & Cyrino, 2004):

(45)

- a. A Clara não quer que [o filho] veja TV, então ela sempre leva ***Ø/ele** no parquinho.
- b. O policial insultou [o preso] antes de torturar ***Ø/ele**.
- c. Comprei o casaco depois que experimentei **Ø**.
- c. Emilio perdeu [a carteira] e não consegue achar **Ø/?ela** em lugar nenhum.

Mesmo essa distinção parece, contudo, estar se perdendo no PB, dado que exemplos de pronomes lexicais retomando antecedentes [-animados, +específicos] como (46a) e (46b) são informados (Casagrande, 2006) e nós mesmos já recolhemos alguns exemplos (46c):

(46)

- a. **Meu aniversário**_i é dia 12 de fevereiro e eu tô pensando em passar **ele**_i aqui em Minas.
- b. Não sei se ele cada vez que passa aqui tá escutando **essa música**_i ou ele escuta **ela**_i toda vida.
- c. É a primeira vez que eu pego **esse ônibus**_i. É a primeira vez que eu pego **ele**_i.

3.5

Síntese

O ER é uma língua de sujeito nulo, com uma morfologia flexional rica que possibilita a identificação da pessoa gramatical na flexão verbal. Os pronomes plenos não recebem uma leitura neutra como acontece em línguas sem a opção de omitir o sujeito, mas há um contraste entre sujeito nulo e preenchido. O PB por sua vez, estaria sofrendo uma mudança na representação do sujeito pronominal referencial, separando-se assim do PE e das línguas românicas *pro-drop* em geral. Algumas das características relevantes do PB na hora de esboçar uma caracterização do seu sistema pronominal são as seguintes: Sujeito pronominal pleno em oração completiva co-referencial ao sujeito da oração principal (47a); construções com “sujeito duplo” (47b) e topicalização sem preposição (47c):

(47)

- a. **Pedro**_i disse que **ele**_{ij} gostaria de viajar.
- b. **Os profissionais** contratados pela empresa, **eles** podem ser decisivos nesse processo.
- c. Essa casa bate muito sol.

No que concerne aos objetos pronominais, os clíticos são os complementos aceitos no ER. Nessa língua objetos nulos ocorrem unicamente com OD anafóricos;

isto é, aqueles cujos referentes são recuperáveis no contexto discursivo. Além disso, o objeto é omitido apenas nos casos em que o referente é não-humano. Já o PB apresenta mais de uma opção para a realização dos objetos pronominais: clíticos, pronomes plenos e objetos nulos. O PB apresenta ainda construções com o tópico da sentença sendo retomado por um objeto nulo ou por um pronome, enquanto o ER somente admite a retomada pronominal. O ER admite clíticos em estruturas de CLLD, mas diferentemente do PB, não permite resumptivos nulos nas estruturas de tópico.

Uma outra peculiaridade do PB é a possibilidade de um nome genérico plural aparecer sem artigo como OD. Enquanto o PB admite tanto nomes nus (*bare nouns*) quanto nomes com artigo, no ES é vedado deixar nulo o artigo.

As diferenças salientadas entre o PB e o ER têm implicações relevantes para a criança adquirindo cada uma dessas línguas. No PB a criança tem de reconhecer as diferentes possibilidades de complemento pronominal em função da estrutura argumental do verbo e de processamento na interface semântica. Além disso, a criança tem de descobrir quais são as propriedades do referente que determinam o uso de cada tipo de complemento. Esse ponto não é trivial já que o PB – como já foi observado – apresenta um sistema pronominal em mudança (no que diz respeito tanto aos pronomes sujeito quanto objeto). No caso do ON, a estrutura argumental do verbo e o *parsing* sintático podem auxiliar à criança na identificação das formas pronominais nulas. *Animacidade*, *definitude* e *especificidade* são propriedades que poderiam ser tomadas em conta pela criança durante a aquisição. Logo, relações correspondentes a interface semântica parecem ser especialmente relevantes na aquisição dos complementos pronominais acusativos no PB.

O ER, por sua vez, não apresenta variabilidade no que concerne à forma de realização dos complementos, contando apenas com clíticos pronominais. Assim, a aquisição desses elementos dependerá da sua identificação na interface fonética e, posteriormente, da sua representação como conjunto de traços- ϕ no léxico. As características fônicas dos complementos pronominais (a ausência de acento inerente, por exemplo) podem, contudo, dificultar a tarefa da criança, já que a informação relativa a gênero e número não fica claramente visível nos clíticos.